

E. P. THOMPSON: HISTORIADOR MILITANTE, MILITANTE HISTORIADOR

*Dennis Dworkin*¹

*Tradução*²: *Aparecida Darc de Souza*³

*Rinaldo José Varussa*⁴

E. P. Thompson está entre os historiadores mais influentes da última metade do século XX. Sua obra-prima, *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1963), agora com cinquenta anos de idade, ajudou a definir a nova história social do trabalho, cuja aspiração foi de escrever uma “história total”, de uma perspectiva de baixo pra cima, ou uma “história vista de baixo”. Os esforços de Thompson para reexaminar a teoria marxista de classe em termos culturais e sua insistência para que os historiadores considerassem o papel da ação humana na história inspirou mais que uma geração de historiadores e repercutiu muito entre sociólogos, antropólogos e estudiosos da cultura. Além de ser um historiador, Thompson foi um poeta, um escritor político e um militante. Este foi um dos fundadores da Nova Esquerda Britânica na década de 1950 e ao longo da vida foi ainda um defensor do desarmamento nuclear. Grande parte da carreira acadêmica de Thompson foi investida na educação para adultos da classe operária. Sua principal posição acadêmica foi a de diretor do Centro de História Social da Universidade de Warwick, no Reino Unido.

¹ .Professor no Departamento de História da Universidade de Nevada, EUA.

² . Os tradutores agradecem ao Prof. Dr. Antonio de Pádua Bosi, à Prof.^a Maria Angélica Rosa Varussa e à Prof.^a Dra. Nelza Mara Pallú pelas leituras e sugestões.

³ . Professora da Graduação em História da UNIOESTE

⁴ .Professor da Graduação e do Mestrado em História da UNIOESTE.

Enquanto graduando, a leitura de Thompson mudou minha vida. Eu fui atraído pelo comprometimento humanista de Thompson, pelo marxismo cultural, pela militância, por seu pensamento romântico, concreto e determinado, por anseios utópicos e por seu esforço em fundir teoria e prática. Ele foi o primeiro marxista contemporâneo que verdadeiramente fez sentido para mim, em grande parte porque seu esforço para entender a sociedade e a história se deu em um nível de concretude e especificidade não encontradas em filósofos marxistas tais como Herbert Marcuse ou Louis Althusser.

Com o tempo, eu me senti menos atraído pelo trabalho de Thompson. Como muitos historiadores da minha geração eu fui influenciado pelo “giro lingüístico”, uma descrição taquigráfica para diversos tipos de estruturalismo e, o mais importante, de pensamentos pós-estruturalistas, especialmente aqueles manifestados no campo dos estudos culturais contemporâneos. Enquanto o pensamento de Thompson sobre a classe era criativo e influente, ele estava alheio às questões de raça e gênero, e como resultado disso eu procurei outras perspectivas históricas e teóricas. Mas eu continuo a admirar o esforço de Thompson ao longo de sua vida para fundir conhecimento acadêmico e militância, para realizar trabalho político e intelectual simultaneamente, e articular teoria e prática.

Muitas das preocupações de Thompson são agora apenas de interesse histórico, mas eu continuo a achar persuasiva sua vida como um militante intelectual e um intelectual militante. Neste contexto, *A Formação da Classe Operária Inglesa* pode ser vista com a principal evidência desta militância, produzida num momento crítico do desenvolvimento intelectual e político de Thompson. Não estou argumentando que o trabalho e vida de Thompson nos oferecem respostas mágicas sobre a articulação entre teoria e prática, apenas que seu esforço em confrontar os desafios de seu tempo como um acadêmico e um militante permanecem como um importante recurso para nós, ainda que talvez nossas condições sejam diferentes. Nos últimos anos o trabalho de Thompson tem sido objeto de vários tipos de análise crítica, refletindo sua enorme influência e mudança na consciência política e teórica. Num estudo anterior eu fui um desses críticos,

situando simultaneamente o trabalho de Thompson num contexto histórico e interrogando-o criticamente.⁵ Neste artigo minha ênfase é diferente. Eu busco fazer com Thompson o que ele fez com a classe operária inglesa (embora numa escala bem menor): eu abordo sua vida nos termos de sua própria experiência, oferecendo uma perspectiva de seu pensamento, trabalho e militância na esperança que a próxima geração possa conhecê-lo. Como Thompson esteve continuamente engajado em debates políticos e acadêmicos, este artigo localizará seus pontos de vista no contexto mais amplo da esquerda intelectual britânica. Seu engajamento com as opiniões dos outros problematiza a si mesmo e ajuda a capturar um período extremamente criativo da política e do pensamento radical britânico.

Edward Thompson vem de uma formação liberal e anti-imperialista. Seu pai, Edward John Thompson, foi um romancista, poeta, historiador e um defensor da independência da Índia. A casa dos Thompson era um lugar de discussões políticas e acadêmicas estimulantes freqüentada por “alguns dos mais interessantes homens da geração anterior”, incluindo Tagore, Gandhi, Nehru e outros militantes e escritores indianos. Thompson lembra que cresceu “acreditando que os governos eram mentirosos e imperialistas, acreditando que a postura de todos deveria ser de hostilidade ao governo”.⁶ Seu primeiro modelo de militância política foi seu irmão Frank que entrou para o Partido Comunista, em 1939. Thompson seguiu o exemplo de seu irmão e, no início da década de 1940, quando era estudante em Cambridge se juntou ao Partido Comunista. Logo depois ele serviu como comandante de tropa de tanque na Itália e na França durante II Guerra Mundial. As impressões mais fortes de

⁵ . Especialmente em *Cultural Marxism in Postwar Britain: History, the New Left and the Origins of Cultural Studies*, Durham: Duke University Press, 1997, e *Class Struggles*, London: Pearson Longman 2007. O presente artigo, embora diferente dos livros anteriores (tanto em tom quanto em intenção), representa uma síntese do trabalho que eu tenho feito ao longo dos anos sobre Thompson e a “Nova Esquerda Britânica”, a historiografia marxista e o desenvolvimento dos estudos culturais britânicos.

⁶ . THOMPSON, E.P., interview by M. Merrill, in *Visions of History*, ed. H. Abelove et al. (New York: Pantheon Books, 1983), p. 11.

Thompson sobre seus anos no exército foram o espírito antifascista dos homens, sua adesão aos princípios socialistas e democráticos, e ao seu anti-imperialismo resoluto. Ele se lembra disso como um autêntico membro da Frente Popular. “Lembro-me”, ele escreveu em 1978, “um resoluto e engenhoso exército civil, cada vez mais hostil às virtudes convencionais militares, o qual se tornou (...) um exercito antifascista e conscientemente antiimperialista. Seus membros votaram no Trabalhismo em 1945 sabendo o porquê, assim como os trabalhadores civis na Inglaterra. Muitos estavam inspirados por ideias socialistas e também estavam inteiramente esperançosos antes do avanço da retórica morna dos líderes trabalhistas de hoje”.⁷

Como seu irmão, Thompson se envolveu na luta pelo socialismo e democracia na Europa Oriental. Através do jornal do exército ele acompanhava qual a direção dos movimentos ligados ao comunismo, o que em retrospecto Thompson reconheceu como “ingênuos sentimentos pró-soviéticos”. Naquele momento, no entanto, ele estava, acima de tudo, impressionado com a contribuição do exército soviético e os sacrifícios heróicos do povo russo. Após a guerra, Thompson retornou a Cambridge para finalizar sua graduação, mas em 1947 ele deixou a Inglaterra novamente para se tornar comandante de um grupo da juventude britânica com a finalidade de ajudar a juventude popular da Iugoslávia na construção de uma ferrovia de cento e cinquenta milhas ligando Samac, na Eslovênia, a Sarajevo. Para Thompson, a ferrovia significava um novo espírito socialista e nacionalista, uma superação do movimento partidário e uma derrota do fascismo. “Ele floresce do orgulho que todo homem comum tem de ser dono, em seu próprio país, de suas fontes de riqueza e de seus meios de produção”. A participação de Thompson na construção desta ferrovia provou ser um momento decisivo em seu desenvolvimento político: ele se convenceu de que o homem “dentro do contexto de certas instituições e cultura pode conceber em termos de ‘nosso’ em vez de ‘meu’ ou ‘deles’.” Esta e outras descobertas, inspiradas pela Frente Popular Antifascista, na década

⁷ . THOMPSON, E.P., interview, Worcester, England, 10 May 1984; THOMPSON, E.P., “The Secret State,” *New Statesman*, 10 November 1978, p.618.

de 1940, sustentaram sua fé no socialismo ao longo dos anos.

Considerando o envolvimento de Thompson na Frente Popular na década de 1940, não é de se surpreender seu desapontamento com a substituição desta pela Guerra Fria. Num ensaio, de 1978, *A miséria da teoria*, ele falou sobre a colisão do voluntarismo contra a “parede da Guerra Fria”, sobre as forças democráticas no Ocidente e no Oriente sendo silenciadas pelo poder monolítico dos dois blocos. Ou em suas palavras: “História, tão maleável com a vontade heroica, em 1943 e 1944, parecia congelar um instante dentro de duas monstruosas estruturas antagonistas, cada uma das quais permitiu apenas a menor liberdade dos movimentos dentro de seu próprio campo.” Thompson viu a Guerra Fria como responsável pelo declínio do movimento socialista e argumentou que a renovação dependia do movimento ir além destas duas polaridades enrijecidas. Ele investiu mais de trinta anos no movimento de desarmamento para trazer isto à tona. Thompson permaneceu comunista leal até “a crise de 1956”, embora retrospectivamente ele visse sua biografia de William Morris, escritor, poeta e militante socialista vitoriano, com um trabalho de “revisão abafado”⁸. Acompanhando o discurso de Nikita Khrushchev em 1956 quando admitiu os crimes cometidos pelo regime de Stalin, Thompson emergiu com a voz mais crítica dentro do Partido Comunista Britânico, o qual ele posteriormente deixou quando a União Soviética invadiu a Hungria em novembro de 1956. Com o historiador John Saville, ele editou um periódico comunista dissidente, *The Reasoner*, e seu sucessor *The New Reasoner*. O último proveu um refúgio para intelectuais marxistas que deixaram o partido em protesto devido à repressão do debate político interno e pelo apoio do partido a invasão soviética da Hungria.

No final da década de 1950 Thompson ajudou a fundar a Nova Esquerda Britânica, uma “terceira via” alternativa ao comunismo e a socialdemocracia. A “Nova Esquerda Britânica” era um grupo heterogêneo de ex-comunistas (grupo ligado a *The Reasoner*), de desafetos dos adeptos do Trabalhismo e de estudantes universitários

⁸ . THOMPSON, E.P., *William Morris: Romantic to Revolutionary* (London: Lawrence and Wishart, 1955).

socialistas (grupo *Universities and Left Review*) que ajudaram a renovar a teoria e a prática socialista. Eles se juntaram no contexto das crises de Suez e Hungria em 1956 e eles se fortaleceram a partir de um compromisso compartilhado com a Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND) do final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960. Os militantes da Nova Esquerda tentaram criar uma política socialista democrática enraizada na tradição inglesa, mas sem ficar emperrada pelas ortodoxias do passado, reconhecendo as mudanças econômicas e culturais do pós-guerra. Eles nunca conseguiram criar uma organização permanente, mas eles criaram um novo espaço político na esquerda, e seu projeto foi importante para o desenvolvimento de estudos radicais sobre cultura e historiografia no Reino Unido. Sua revista *New Left Review* (NLR) publicada pela primeira vez em 1960 ainda é produzida atualmente e está entre as mais prestigiosas revistas intelectuais de língua Inglesa da esquerda.

Thompson produziu uma versão influente na linha política da NLR. Seu ponto de partida era a crítica ao Stalinismo. Para ele, o Stalinismo era um sistema de pensamento lógico e consistente, uma ideologia, “uma constelação de atitudes partidárias e falsas, ou parcialmente falsas, ideias” baseadas em abstrações ao invés de se basear em experiências ou na realidade social⁹. Em oposição à falsa consciência do Stalinismo, Thompson defendia um humanismo socialista: uma filosofia política que combinava uma preocupação (de tradição liberal) com o indivíduo e a meta igualitária e comunitária de uma sociedade socialista.

O humanismo socialista superava as abstrações Stalinistas tais como o partido, a ideia dos “dois campos” e a vanguarda da classe trabalhadora, com uma proposição de lidar com “pessoas concretas” e com o potencial revolucionário de “homens e mulheres reais”¹⁰. Thompson ressaltou igualmente o “socialismo” e o “humanismo”.

⁹ . THOMPSON, E.P., “Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines,” *The New Reasoner*. n. 1, p.108.

¹⁰ . Idem, p. 109.

Para ele, a falência intelectual do Stalinismo estava enraizada em seu economicismo: a tentativa de ver as dimensões política, moral e artística da sociedade em termos das estruturas da economia e das classes sociais. Em oposição a este determinismo grosseiro, Thompson reafirmou o papel central da ação humana na História. Adaptando as famosas palavras de Marx no *18 Brumário*, ele escreveu: “os homens fazem sua própria história, em parte como sujeitos em parte como vítimas; este é o elemento que os distingue dos animais; é isto que os torna humanos”.¹¹ A crítica de Thompson ao marxismo ortodoxo estava singularmente enraizada nas tradições inglesas dos “modos de percepção” aprendidos durante a redação de sua biografia sobre William Morris.¹² Para Thompson, ao “entendimento histórico de Morris sobre a evolução da natureza moral do homem” era preciso adicionar as análises históricas e econômicas de Marx.¹³ A renovação marxista dependia de uma restauração de um vocabulário moral localizado em suposições implícitas – mas inadequadamente expressas – no próprio trabalho de Marx. Para restaurar esse discurso moral, Thompson defendeu uma revitalização do tipo de pensamento utópico que tinha sido parte de uma tradição socialista anterior à ascensão do socialismo científico. *The Dream of John Ball* e *Notícias de lugar nenhum*, de Morris, são exemplos do que Thompson tinha em mente.

Foi durante este período que Thompson, junto aos teóricos da cultura Stuart Hall e Raymond Williams, ajudou a dar forma ao Marxismo Cultural Britânico: uma tradição de escrita teoricamente informada que enfatizava o papel constitutivo da dimensão cultural no contexto das relações sociais materiais e que insistia sobre a centralidade da ação humana no fazer da história. “A Formação da Classe Operária Inglesa” exemplificou esta perspectiva. A

¹¹ . Idem, p. 122.

¹² . THOMPSON, E.P., “Postscript: 1976,” *William Morris: Romantic to Revolutionary*, revised ed. (New York: Pantheon Books, 1977), p. 810.

¹³ . THOMPSON, E.P., *The Communism of William Morris* (London: William Morris Society, 1965), p. 18. Esta foi uma conferência ministrada na “Morris Society”, em 4 de maio de 1959.

interpretação de Thompson sobre a formação da consciência da classe trabalhadora foi profundamente influenciada por sua própria experiência na Nova Esquerda e por parte de uma historiografia Marxista Britânica que cresceu fora do Grupo de Historiadores Comunistas Britânico, ativo entre 1946 e 1957.

Apesar da visão estreita imposta pelo regime Stalinista e da natureza de seu próprio partido, os historiadores debateram abertamente a teoria marxista e examinaram criticamente temas históricos centrais para o estudo da história do Reino Unido e da Europa pela perspectiva vista de baixo. Mas nenhum texto imprimiu esta característica mais que “A Formação da Classe Operária Inglesa”. Thompson concebeu este livro como alternativa a uma escrita da História do Trabalho estabelecida que mostrava a agitação da classe operária como significativa somente enquanto esta facilitava o desenvolvimento do movimento trabalhista. Rejeitando este pensamento teleológico, Com as novas políticas de esquerda nas quais Thompson estava engajado, ele tentou recuperar a agitação da classe tal qual os trabalhadores a viam, argumentando que uma alternativa a narrativa teleológica estaria ligada às vozes militantes e radicais até então reprimidas e marginalizadas.

A dimensão menos conhecida de “A Formação da Classe Operária Inglesa” foi sua relação com o debate contemporâneo sobre a classe trabalhadora. Neste ponto Thompson estava respondendo aos revisionistas do Partido Trabalhista para quem as mudanças do pós-guerra implicaram na erosão da consciência da classe trabalhadora ou no fim da sociedade de classes. Thompson reconheceu as consequências de longo alcance dessas transformações e que estas envolviam a vida da classe trabalhadora, mas ele rejeitou a afirmação de que essas mudanças significavam o fim da consciência de classe e do socialismo. Um segundo oponente intelectual que o livro toma como objeto é o marxismo ortodoxo, cuja ideia principal, retratada por Thompson, igualava a classe trabalhadora com as relações de produção nas quais esta estava envolvida. Thompson reconheceu ainda que a classe se baseava em relações de exploração na produção. Entretanto, sua ênfase recaía sobre a consciência

da classe: como estas relações “eram manuseadas em termos culturais, incorporadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”.¹⁴ A experiência dessas relações podia ser determinada, mas não a forma com que os trabalhadores lidavam culturalmente com elas. A classe era um processo, uma relação social. Para Thompson, as classes, enquanto relação com as outras, mudavam ao longo do tempo e na sua relação com outras classes: elas eram o resultado, e não a causa da luta de classes.

No início dos anos 1960, Thompson era inquestionavelmente o maior defensor do marxismo e do humanismo socialista dentro na Nova Esquerda Britânica. Todavia, com o colapso do movimento devido à sua incapacidade de unificar diversas perspectivas, e sua fragmentação em vários agrupamentos da Nova Esquerda, não demoraria muito para que o marxismo de Thompson fosse desafiado. O principal crítico de Thompson era o novo editor da NLR, Perry Anderson, que continua como membro do conselho editorial até hoje. Anderson e colaboradores como Robin Blackburn e Tom Nair eram mais jovens e com menos experiência política que o conselho editorial que os precedeu, particularmente aqueles ligados ao periódico ex-comunista *New Reasoner*. Se a Nova Esquerda original tinha sido contaminada por um humanismo socialista enriquecido em tradições inglesas, o novo grupo que controlava a NLR foi atraído pela mais rigorosa e abstrata tradição do continente. O contraste entre o marxismo de Thompson e o marxismo do grupo da nova NLR pode ser melhor visualizado na discussão entre Thompson e Anderson desencadeada pelo ensaio deste último: *The Origins of the Present Crisis*. A “crise” referida no título tinha dois significados distintos, mas entrelaçados. De um lado, Anderson estava respondendo aos primeiros sinais do declínio britânico, documentados em livros como *British Economic Policy since the War*, de Andrew Shonfield, e *Anatomy of Britain*, de Anthony Sampson. De outro lado, ele viu a crise em termos da

¹⁴ . THOMPSON, E.P., *The Making of the English Working Class* (Harmondsworth: Penguin, 1980. 10. [*A Formação da classe operária inglesa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 10].

incapacidade da esquerda socialista para gerar qualquer massa de partidários no Reino Unido, e a falência para analisar as forças históricas que criavam obstáculos para a esquerda velha ou nova.

Origins of the Present Crisis foi um esforço temporário para a análise estrutural do desenvolvimento histórico do Reino Unido. Este artigo estava impregnado por uma aversão pelas tradições intelectuais e culturais Inglesas e um apego apaixonado ao Marxismo Europeu, a pensadores como Lukács e Sartre. Mas, o verdadeiro espírito por trás deste artigo de Anderson era um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci, Sem dúvida, o artigo de Anderson representou a primeira tentativa de sustentar, em linguagem inglesa, o uso das ideias de Gramsci na análise histórica. Anderson estava inspirado pela tentativa de Gramsci em ver a história italiana distinta de um padrão geral de desenvolvimento histórico burguês. Ele argumentou que o curso da história moderna da Inglaterra era igualmente excepcional: ela falhou em seguir a expectativa do marxismo no que se referia ao desenvolvimento do capitalismo moderno.

Assim, o precoce desenvolvimento do capitalismo agrário na Inglaterra no século XVI havia produzido uma revolução burguesa incompleta no século XVII. Ela foi uma “revolução capitalista bem sucedida” que transformou a base, mas não a superestrutura da sociedade inglesa. O auge deste processo aconteceu no final da era Vitoriana, quando a aristocracia e a burguesia formaram um único bloco. Neste esquema interpretativo de Anderson, a falha da burguesia em opor-se e superar a aristocracia de modo satisfatório, e impor sua própria marca na sociedade, teve consequências desastrosas para o movimento da classe trabalhadora. Historicamente, os movimentos da classe trabalhadora construíram parcialmente suas próprias ideologias por meio da apropriação da herança revolucionária burguesa. “Na Inglaterra”, escreveu Anderson, “uma burguesia indolente produziu um proletariado dependente. Ela não se entregou a nenhum impulso de libertação, a valores revolucionários, a nenhuma linguagem universal”.¹⁵

¹⁵ . ANDERSON, P., “Origins of the Present Crisis”. *Towards Socialism*, ed,

Thompson respondeu ao artigo de Anderson em *A peculiaridade dos Ingleses*: uma severa condenação dos argumentos de Anderson e de suas suposições filosóficas e políticas¹⁶. Anderson respondeu com igual força em *Socialismo and Pseudo-Empiricism*, de 1966. Este debate entre Anderson e Thompson representou um conflito entre duas concepções de teoria e prática intelectual radicais. Em síntese, tratou-se de uma disputa sobre concepções de sociedade e história. Anderson abordou classes em termos estruturais e abstratos. Ele centrou sua análise na função hegemônica e coercitiva do Estado utilizando “ideologia”, um termo com credenciais impecavelmente marxistas, ao invés de “cultura”. Thompson argumentou que as classes eram formações históricas e culturais, um produto da ação humana. Como um humanista socialista e um marxista cultural, ele suspeitou da preocupação de Anderson com o poder de Estado e de sua falta de interesse com “o padrão de vida, os sofrimentos e satisfações, daqueles que vivem e morrem em tempos irresgatáveis”.¹⁷ Enquanto Anderson enxergava eventos históricos de uma perspectiva de amplo alcance da história, Thompson investigou pequenas fatias para atingir processos históricos e sociais mais gerais.

Thompson e Anderson não tinham somente abordagens diferentes sobre o entendimento da sociedade e da história, mas também traziam para o debate diferentes noções de suas presenças no movimento socialista. A concepção de prática intelectual de Anderson foi modelada depois das tradições continentais. Ele via a si mesmo como parte de uma *intellegentsia* radical que mal acabara de nascer, cuja primeira função era produzir uma

ANDERSON, P. and BLACKBURN, R. (Ithaca, NY: Cornell University Press), p.36.

¹⁶ . THOMPSON, E.P., “The Peculiarities of the English”, *The Socialist Register 1965*, ed. John Saville and Ralph Miliband (New York: Monthly Review Press, 1965). [*As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001] Uma versão ligeiramente alterada apareceu em “The Poverty of Theory” [*A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981]. Esta edição inclui passagens que os editores convenceram Thompson a omitir porque eram demasiadamente incendiárias. “The Poverty of Theory”, p. 35. Eu citei a publicação mais recente.

¹⁷ . Idem, p.86.

análise teórica para o movimento radical e para construir uma cultura intelectual socialista. Ele argumentou que se os intelectuais tentassem construir um movimento socialista antes do tempo certo – como a *New Left Review* tinha feito – os resultados poderiam ser a de “confusões paralisantes” e um “substitucionismo bajulador”¹⁸. Thompson, por outro lado, defendia uma noção mais tipicamente inglesa de prática intelectual radical baseada num possível intercâmbio mais amplo entre trabalhadores e intelectuais. Os intelectuais estavam localizados “dentro” da luta e usavam sua posição para articular as experiências e as aspirações das classes subalternas. O trabalho dos intelectuais estaria frequentemente concebido em termos das necessidades imediatas do movimento. Exemplifica sua prática o fato de ter sido professor na educação de adultos, lecionando para turmas noturnas nos finais de semana na *Workers’ Educational Association*.

Os argumentos no âmbito do marxismo inglês do trabalho de Thompson, não obstante, para a nova geração de jovens acadêmicos radicais e os seus colaboradores mais antigos, cujas simpatias estavam com as bases, estudante e os movimentos de contracultura dos anos sessenta, teve um impacto notável. Como o historiador Alan Dawley observou, *The Making of the English Working Class* “ressoou perfeitamente” a esperança de uma geração de estudiosos radicais para os quais as pessoas comuns podem fazer a sua própria história e que os historiadores simpatizantes poderiam escrevê-la.”¹⁹ Esse entusiasmo foi reforçada pela própria prática de Thompson como um radical e um erudito, tanto que o livro foi escrito quando ele era um professor de educação de adultos de estudantes da classe trabalhadora. Na Grã-Bretanha, o livro de Thompson e a tradição a que pertencia foram uma grande inspiração para a *History Workshop*, fundada em Ruskin College, Universidade de Oxford, em 1966. Um grupo

¹⁸ .ANDERSON, P., “The Left in the Fifties,” *NLR* no. 29 (January-February 1965), p. 16.

¹⁹ . DAWLEY, A. “E. P. Thompson and the Peculiarities of the Americans,” *Radical History Review*, no 19 (Winter 1978-79), 39.

de historiadores socialistas e feministas (criados em grande parte a partir do esforço de articulação de Raphael Samuel), a *Workshop* desempenhou um papel central na divulgação do evangelho da nova história social e de trabalho, principalmente através da *História Oficina Journal*, lançado em 1976. O livro de Thompson não era só influente sobre os historiadores na Grã-Bretanha. Novos historiadores de esquerda, feministas e radicais americanos também o receberam com entusiasmo. É difícil lembrar de uma obra na história da Europa que tenha afetado historiadores americanos tão profunda e imediatamente.

Muitos admiradores e discípulos de E.P. Thompson, dentre os quais novos intelectuais de esquerda e da contracultura, foram movidos por sua celebração da agência humana e auto-atividade, e sua convicção de que os atores humanos poderiam superar as limitações estruturais e tornarem-se sujeitos de sua própria história. Eles foram inspirados pelo retrato de Thompson de uma cultura de classe trabalhadora de improvisação, criativa e insurgente. No entanto, enquanto muitos dos seguidores de Thompson foram arrastados pela euforia do final dos anos sessenta, o próprio Thompson foi menos otimista. De fato, após o colapso do New Left original, ele ficava otimista apenas eventualmente sobre as perspectivas da esquerda, se sentindo distante e alienado do que via como as tendências intelectuais radicais dominante, e, no final dos anos setenta, ele temia que a democracia inglesa estivesse chegando ao fim e que a corrida armamentista das duas superpotências estava sustentada por uma lógica de extermínio. Atacando a esquerda radical, Thompson reafirmou sua fé no impulso democrático do “povo”, mas a sua confiança no movimento socialista parecia instável. Nesse período, ele perdeu o interesse pela ação humana e, em contextos particulares, viu sua área de atuação reduzida.

A avaliação pouco otimista de Thompson da cena política e intelectual foi, em grande parte, derivada de sua relação com a cultura radical. Embora ele reconhecesse a importância do movimento contra a guerra do Vietnã e a luta pela democratização

das universidades, em geral, ele se sentia distante do movimento estudantil e da contracultura. As origens deste estranhamento podem ser atribuídas à própria história política de Thompson. Um produto da Frente Popular, Thompson colocou suas esperanças para uma transformação socialista em uma coalizão entre militantes da classe trabalhadora e simpatizantes de classe média, como ele próprio, uma coalizão que, às vezes, ele parecia acreditar ser a personificação do “povo”. Assim como outros socialistas tradicionais, ele viu a ordem social do futuro como uma extensão das instituições e da cultura da classe trabalhadora inglesa. Ele considerava a defesa da Nova Esquerda de um sistema de valores, parcialmente em débito com a crítica moral do romantismo tradicional e de William Morris (em grande medida por causa de sua própria influência), como uma alternativa ao materialismo vulgar do capitalismo de consumo e do revisionismo trabalhista. No entanto, apesar do entusiasmo de Thompson para com a Nova Esquerda, ele estava claramente apreensivo com as tendências em seu interior. Ele estava preocupado, por exemplo, que o movimento viesse a cair no controle de um grupo de intelectuais sem vínculos orgânicos com a classe trabalhadora. Ele estava apreensivo com a possibilidade da Nova Esquerda repensar a estratégia socialista, que poderia resultar no abandono da categoria marxista da luta de classes. E se Thompson estava animado com a participação política da juventude, ele ficava perturbado com o espírito anarquista desta política. Em suma, Thompson era crítico de alguns aspectos da Nova Esquerda, o que se tornaria mais evidente no final dos anos sessenta. Em suas palavras: “Esta Nova Esquerda tinha elementos intrínsecos que poderiam ser vistos por um historiador como a burguesia revoltada fazer sua própria revolução, o estilo dos gestos, se enaltecendo, expressivos e irracionais que não pertencem a um movimento sério e profundamente enraizado, racional e revolucionário”.

O distanciamento de Thompson dos movimentos estudantis dos anos sessenta e do início dos setenta foi temporariamente interrompido quando ele participou de protestos na Universidade de Warwick, onde ele tinha sido chefe do recém-criado Centro de

História Social, em 1966. Os protestos de 1970 surgiram quando um grupo de estudantes que ocupou a reitoria descobriu que a administração da Universidade mantinha arquivos sobre David Montgomery, um historiador radical americano e professor visitante em Warwick. A revolta no campus de Warwick originalmente se concentrou na violação dos direitos civis de Montgomery e nas implicações das ações da Universidade, mas o mais importante é que ela se transformou em uma crítica da influência em grande escala de empresas na vida da Universidade. Thompson apareceu como um dos principais porta-vozes dos grupos dissidentes, escrevendo sobre eles no *New Society* e editando uma coletânea de documentos e comentários intitulada *Warwick University Ltd.: Industry, Management, and the Universities* (1970). Para Thompson, a questão não era apenas o que havia acontecido em Warwick, mas o risco que as universidades, em geral, corriam de perder a sua tradicional independência e serem controladas pelo capitalismo industrial. Sua participação nos protestos de Warwick prenunciou o seu próximo ataque ao autoritarismo do Estado britânico e a vigorosa defesa das liberdades civis, no final da década de 1970.

Ao longo da década de 1970, Thompson parecia estar ainda mais desanimado com as tendências e eventos predominantes. Uma de suas principais objeções aos intelectuais radicais na década de 1970, foi em relação ao abandono das tradições democráticas britânicas em nome da pureza revolucionária. Entendendo o Estado capitalista como inerentemente autoritário e a democracia como um ardid para assegurar a continuação da hegemonia burguesa, eles acolheram como indícios de uma crise de hegemonia o fato do Estado recorrerá coerção. Para Thompson, isto não só representava um platonismo intelectual, como uma simplificação e distorção do real conflito político e de luta, que não poderia ter aparecido em pior hora. Simultaneamente, havia uma orquestração secreta do Estado britânico, que sob o pretexto de manter a ordem pública e a segurança nacional, tentava restringir os direitos individuais conquistados ao longo de séculos de lutas populares. Este autoritarismo sorrateiro e interno ameaçava a liberdade de imprensa, o sistema jurídico e a soberania do

parlamento. Ele comprometia direitos tradicionais, a cultura política do povo britânico e, de fato, a própria Constituição. Apropriando-se da terminologia do crítico e poeta vitoriano Matthew Arnold, Thompson viu a tirania moderna do Estado britânico como uma “anárquica” tentativa de destruir a “cultura”. A resposta de Thompson foi dupla. De um lado, ele viu as recentes atividades do Estado em perspectiva histórica, como o capítulo mais recente de uma saga que já durava séculos. “Nós temos submetido barões feudais, assuntos superiores, chanceleres corruptos, reis e seus cortesãos, generais excessivamente poderosos, o vasto aparato da Velha Corrupção, desumanos empregadores, comissários de polícia prepotentes, os aventureiros imperiais e os sucessivos nichos de conspiradores da classe dominante às regras da lei”. Deste ponto de vista, Thompson poderia imaginar um novo despertar do “povo” como uma rápida onda democrática que surge em todos os níveis da sociedade.

Porém, se Thompson podia imaginar um movimento popular reivindicando sua herança democrática, ele também podia prever um cenário mais sombrio: o fim da cultura política britânica como ele conhecia e o surgimento pleno de um “Estado corrupto e autoritário”. “Eu devo dizer, com honestidade, que não vejo expediente algum para que possamos impedir a tempestade suja lá fora. Eu duvido que possamos transmitir nossas liberdades e não estou nem mesmo confiante de que haverá uma posteridade para apreciá-las. Estou cheio de dúvidas. Tudo o que eu posso dizer é que, uma vez que tivemos o tipo de história que tivemos, de nossa parte, seria desprezível não jogar até o fim nossos velhos papéis.”²⁰

Tal pessimismo não se limitava apenas à cena política britânica. Perturbado com a retomada da corrida armamentista nuclear e a perspectiva de mísseis de cruzeiro (guiados) na Grã-Bretanha e a postura “linha dura” pró-americana do governo Thatcher, Thompson voltou-se para um de seus temas favoritos, a Guerra Fria. Em sua opinião, o último *round* na escalada armamentista representava uma nova etapa num impasse

²⁰ .Ibid., 256

que durava trinta anos. Se antes ele acreditava que os norte-americanos e soviéticos usavam a Guerra Fria como um meio de manter o controle sobre seus respectivos blocos de poder, agora ele estava convencido de que as superpotências, em vez de controlar a política global, de fato, estavam sujeitas a um poder em que superava ambas. Ele descreveu isso como *exterminismo*: uma lógica – ou talvez, mais precisamente, uma falta de lógica, que era autônoma, sobre determinada e superpoderosa ação e resposta. O *exterminismo* cresceu a partir de unidades de dominação e controle, mas não era uma nova forma de imperialismo, pois, não explorava uma vítima: ele enfrentava ao igual. Em cada esforço para dominar o outro, cada um chamava à existência uma contraforça equivalente. É uma contradição não-dialética, um estado de antagonismo absoluto, em que ambos os poderes crescem através do confronto que só pode ser resolvido pelo extermínio mútuo.²¹ Thompson não descartou a possibilidade de que uma coalizão internacional de forças populares, envolvendo todas as formas de manifestações de valores afirmativos, poderia reverter a maré exterminista. Para além disso, era difícil para ele imaginar outra coisa que não um confronto nuclear americano-soviético e o fim da civilização de qualquer forma que conhecemos.

No entanto, apesar de suas reservas ao estado da esquerda e seu pessimismo em relação ao confronto entre as duas superpotências, Thompson não se encerrou num casulo político. Na década de 1980, Thompson tornou-se uma figura de destaque na Comissão de Desarmamento Nuclear Britânica, dando incontáveis palestras, participando de inúmeros comícios políticos se escrevendo uma grande quantidade de artigos políticos. Além disso, ele foi um dos três autores do *Appeal for Nuclear Disarmament* (1980), cujo argumento por uma Europa livre de armas nucleares deu origem ao *Desarmamento Nuclear Europeu*

²¹ . THOMPSON, E.P., “Notes on Exterminism, the Last Stage of Civilization,” *NLR* no. 121 (May-June 1980), 26. [Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização. in THOMPSON, E. P. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1985.]

ou END (*European Nuclear Disarmament*). Como resultado dos esforços de Thompson e de outros, seguiu-se um diálogo entre o movimento pacifista europeu e dissidentes do bloco soviético. Uma medida da estatura de Thompson como intelectual público reconhecido internacionalmente, durante aquela década, foi seu debate com o secretário de Defesa americano Caspar Weinberger, na Oxford Union, em 1984. Eles discutiram se havia uma diferença moral entre as políticas mundiais dos Estados Unidos e da União Soviética. A Union rejeitou o argumento de Thompson de que não havia diferença, por 271 votos contra 232, com três abstenções.

Para entender melhor a posição teórica e política de Thompson durante esta fase de sua carreira, vale a pena considerar seu ensaio *A miséria da teoria* e as controvérsias em torno deste trabalho. O ensaio foi uma denúncia polêmica do marxismo estruturalista do filósofo francês Louis Althusser, cujo anti-humanismo considerava a história uma sucessão de modos de produção, cada um sendo produzido por rupturas revolucionárias. Neste esquema, as transformações estruturais, o conflito entre as relações e as forças de produção, receberam estatuto privilegiado, ao invés das agências humanas. Na década de 1970, os escritos de Althusser e seus seguidores impulsionou um grande movimento intelectual na Grã-Bretanha, afetando acadêmicos socialistas e marxistas na sociologia, na literatura, na crítica de cinema, nos estudos culturais, na educação, na filosofia e na história. Para Thompson, a prática teórica de Althusser era idealista, autoconfirmatória e teoricista, na violação do diálogo entre a teoria e as evidências, fundamental para o processo de produção do conhecimento. Ele argumentava que anulação de causalidade estruturalista de Althusser era hiperracional, originando uma concepção de formação social estática e mecânica, incapaz de explicar a mudança social e a transformação. Ele observava que, ao condenar o empirismo, Althusser confundia a ideologia do empirismo com o modo empírico de pensar, embora os dois nem sempre foram tão distintos como pensara Thompson. E ele, exitosamente, atacou a recusa de Althusser em reconhecer a participação da consciência, da experiência e da ação humanas nos desfechos históricos. De fato, em *A miséria da teoria* Thompson ofereceu sua mais inspirada

defesa da categoria “experiência”. Ele argumentou que os seres humanos não eram prisioneiros das ideologias, que era através de suas experiências que estrutura e ação se confrontavam, fazendo-os produtores e não vítimas do processo histórico.

A miséria da teoria foi recebido com grande entusiasmo e aclamado não só por estudantes britânicos de esquerda e acadêmicos, mas também por intelectuais de esquerda, em todo mundo de língua inglesa. Muitos a consideraram uma bemvinda desafiada investigação social em bases empíricas, um golpe devastador nas pretensões autocráticas da abstração estruturalista e uma defesa inspiradora da ação e da experiência humana. O ensaio de Thompson também intensificou o debate entre historiadores de esquerda e teóricos culturais sobre a relação entre ideologia e experiência, teoria e prática. Isto delineou uma rota de colisão entre a história social e do humanismo socialista defendido por Thompson e os esforços ecléticos para fundir Althusser e Gramsci praticado no Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham.

O campo dos estudos culturais na área de humanas é agora um fenômeno internacional, mas originalmente foi desenvolvida na Grã-Bretanha. Sua formulação inicial ocorreu no contexto da Nova Esquerda britânica dos anos 1950 e 1960 e na educação de adultos da classe trabalhadora. O advento dos estudos culturais foi parte de um esforço mais amplo de avaliação crítica do impacto da prosperidade crescente, da propagação da mídia de massa e o florescente capitalismo de consumo sobre a vida cultural, política e social. Com o tempo, os estudiosos dos estudos culturais analisaram uma grande variedade de práticas contemporâneas, do punk rock e novelas a museus e noticiários televisivos. Um momento crucial no desenvolvimento e expansão dos estudos culturais foi quando da sua acolhida nos quadros institucionais. O Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (agora extinto) abriu suas portas na Universidade de Birmingham, em 1964. Como resultado da influência de Stuart Hall, segundo diretor do Centro, este desenvolveu explicitamente uma direção marxista cultural, tendo Thompson e Raymond Williams como influência. Desde o início, os

estudos culturais foram interdisciplinares e ecléticos, delineando-se a partir da crítica literária, da sociologia, da história e, embora não em seus primeiros estágios (curiosamente), da antropologia.

Teve também um diálogo longo e frutuoso com as versões continentais do marxismo, com Althusser e Gramsci sendo as influências mais importantes. O debate entre Thompson e aqueles ligados ao Centro é capturado por uma noite memorável no encontro anual da History Workshop, no início de dezembro de 1979, na catedral de St. Paul, uma igreja neoclássica dilapidada e cavernosa em Oxford, que até pouco antes do evento estava interdita.

Lotada com uma platéia de centenas, a temperatura impulsionada pelo sopro do maior aquecedor que se possa imaginar, com um sistema de som instalado... Luzes brilhantes aumentavam a sensação de que uma performance teatral aconteceria, e não uma discussão coesa.²²

A noite foi dividida em três partes: abertura e fechamento de apresentações pelos protagonistas e discussão aberta ao público. Acima, descrevi em detalhes o evento daquela noite, mas, aqui realçarei o intercâmbio entre Thompson e Hall, dada a importância destes como estudiosos e de suas conhecidas divergências em antigas proposições, num dos últimos momentos em que o primeiro esteve engajado em discussões intelectuais socialistas.²³

Hall contrapôs as alternativas que Thompson colocou à prática teórica althusseriana e suas implicações para o pensamento e política socialistas. Ele considerava a defesa de Thompson do empenho do historiador, sua ênfase na categoria de experiência, e seu privilegiamento do “concreto” sobre o “abstrato” e “teórico”, como sugestiva ainda que problemática. Para Hall, Thompson tendia

²² . KETTLE, M., “The Experience of History,” *New Society*, 6 December 1979, pp. 542-43. Este relato do debate provem de uma gravação que consegui junto ao Ruskin College. Salvo indicação específica, as citações decorrem de minha transcrição do evento.

²³ . DWORKIN, D., *Cultural Marxism in Postwar Britain*, capítulo 6.

a inverter faltas e erros de Althusser. Thompson, sugeriu ele, via o processo histórico como autônomo, hipostasiava a prática histórica, fetichizava o concreto e confundiu teoria com teoricismo.

Há uma miséria de teoricismo, mas para os socialistas e marxistas, não pode haver uma forma de misériada teoria. Nunca, é claro, há teoria sem prática, mas nunca é uma prática adequada, senão é informado pela teoria. O que Marx nos ensina é que há, por necessidade, diferentes tipos de trabalho com diferentes níveis de abstração.

Hall também se opôs ao conceito de experiênciade Thompson. Ao pagar tributo à tradição historiográfica marxista britânica por ter feito progressos gigantescos no sentido de recuperar a experiênciadas classes dominadas e oprimidas, Hall acreditava que o conceito de experiência, freqüentemente empregado nessa tradição, apresentou problemas.

Os marxistas nunca poderiam abraçar “experiência” por atacado, nem a podiam compreender separada do conceito de ideologia. Ele não estava sugerindo que os historiadores deveriam reproduzir a estupidez althusseriana de negar a importância da experiência, mas apenas que eles não repetissem essa estupidez no sentido contrário. “Experiência”, observou, “não pode ser uma testemunha autenticadora da realidade da prova histórica que temos.”

O artigo de Thompson respondeu às acusações de Hall, as quais considerava que não poderia ser sustenta da por uma leitura atenta de sua obra. Claro, ele viu problemas como empirismo, e, não, ele não recusou o conceito de estrutura – somente o de estruturalismo. Além disso, ficou “atônito” ao descobrir que a ideologia era uma “categoria ausente” em seu trabalho, e Hall estava “furioso” ao descobrir que acreditava em valores transistóricos. Em resposta a uma crítica mais geral de sua obra, ele aceitou que sua formulação de “experiência” era ambígua. Reconhecendo que o termo tinha mais de um significado, Thompson fez uma distinção entre a experiência I (experiência

vivida) e experiência II (experiência percebida). Assim, um padrão de eventos no ser social originou a experiência I, que não foi, então, simplesmente refletida na experiência 2, mas pressionada sobre o “campo inteiro da consciência” de tal forma que ela não poderia “ser indefinidamente desviada, postergada, falsificada ou suprimida pela ideologia.”

Quanto às outras questões, ele perguntou: “estamos supondo que jamais pode haver um recurso humano para a dominação hegemônica da mente, para as falsas descrições da realidade reproduzidas diariamente pela mídia?”²⁴ Esta foi uma das poucas ocasiões em que Thompson especificamente reconheceu que a relação entre a ideologia e a experiência era problemática. Seus esforços para desenvolver suas idéias sugeriram que havia lugar para uma maior exploração dessa complexa relação.

O intercâmbio entre Hall e Thompson ressaltou uma divisão entre intelectuais de esquerda que não era só geracional, mas também teórica e política. O comentário final de Thompson naquela noite sugere a direção de seu pensamento político em uma fase posterior de sua carreira política e intelectual. Escrevera *A miséria da teoria* porque vira o althusserianismo como uma ameaça à tradição historiográfica marxista; mas, no momento do debate da History Workshop, dois anos havia se passado. Seu interesse acadêmico em questões teóricas tinha sido suplantado por sua preocupação com o crescente autoritarismo do Estado e com a erosão das liberdades civis na Grã-Bretanha. Isso proporcionou o pano de fundo para suas considerações finais. Thompson reclamou que como a esquerda intelectual sabia a priori que o Estado capitalista era coercitivo, faltava-lhe “sensibilidade para uma resposta necessária” que iniciasse a luta contra ele. Ao final, ele lembrou aos presentes que na Grã-Bretanha, que não

²⁴ . THOMPSON, E.P., “The Politics of Theory,” in R. Samuel, ed., *People’s History and Socialist Theory* (London: Routledge and Kegan Paul, 1981, p. 406.

tinha uma constituição escrita, a quebra das normas legais aceitas ameaçava as conquistas históricas da classe trabalhadora. Na verdade, ele ficaria “muito surpreso se algumas das pessoas nesta sala” não “recebessem mandatos de prisão nos próximos cinco ou seis anos, no confronto muito forte com um Estado autoritário”. Thompson chamou os historiadores a assumirem um papel de liderança na proteção dos direitos legais na Grã-Bretanha.

Ao evocar essa antiga história, o destaque não é nem para reviver esses debates, nem para defender o papel de Thompson dentro deles. Estes, com certeza, diminuíram na história intelectual do século XX. Apesar disso, muitos dos temas sobre os quais Thompson assumiu posições - a relação entre teoria e prática, a interrelação entre estrutura e agência, e a conexão entre ideologia e experiência - continuam presentes entre nós, ainda que expressos de forma diferente. Eu, por exemplo, aprecio a habilidade de Thompson em se engajar em inúmeros debates e promover várias pautas, seus esforços para fundir a visão histórica com o empenho político, e sua propensão (inspirada em William Morris) para imaginar realidades alternativas. Não é como se a sua prática proporcionasse um molde para ser imitado ou uma fórmula para reproduzir, tanto quanto uma vida para contemplar. Ele foi um historiador extraordinariamente criativo e imaginativo, que ofereceu aos desafios de seu tempo, às vezes, respostas corajosas, às vezes, respostas falhas. Em suma, é o espírito da iniciativa que ainda é relevante.